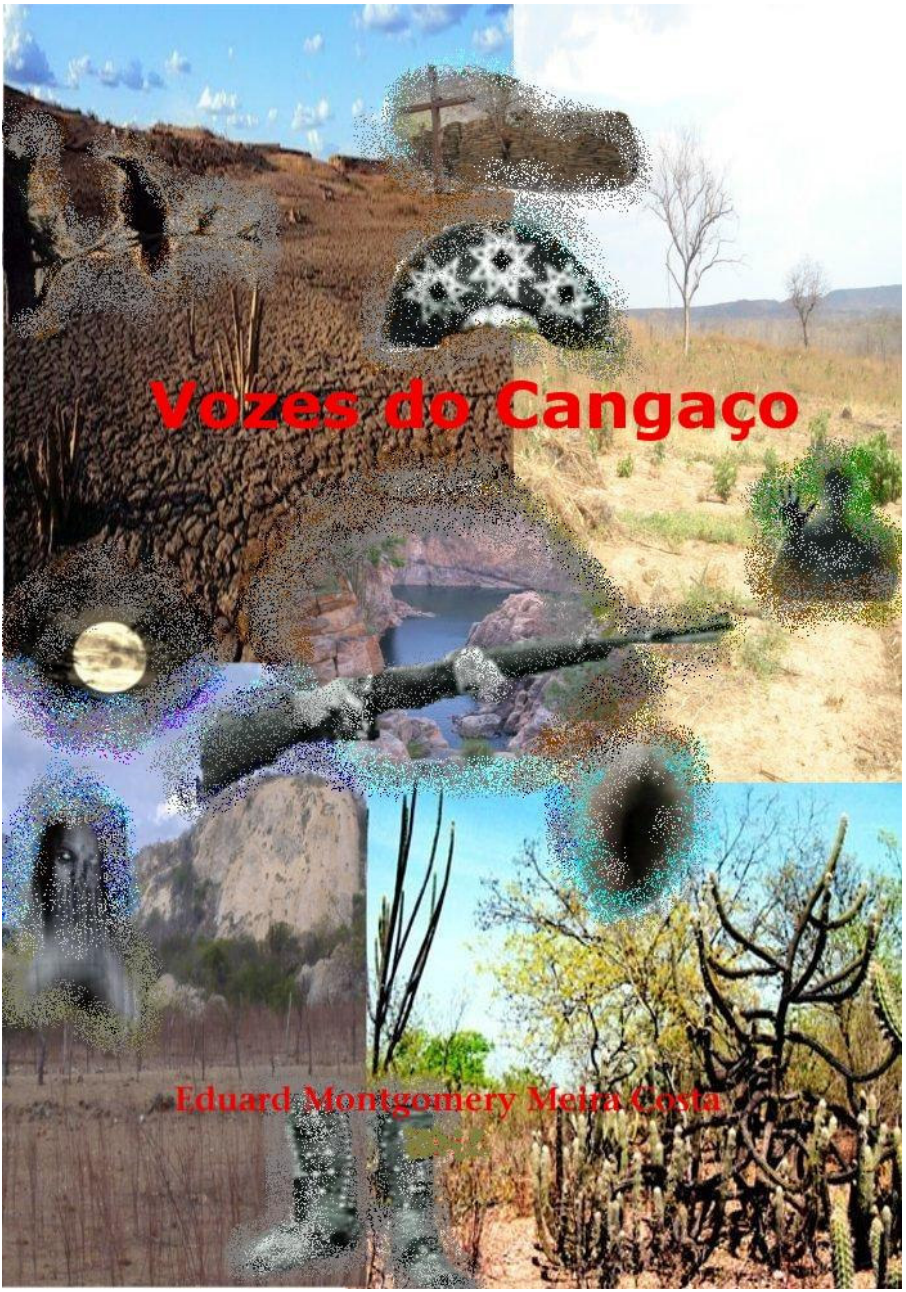
Vozes do Cangaço
Eduard Montgomery Meira Costa

Vozes do Cangaço

Eduard Montgomery Meira Costa

Dedicatória

À minha família.
À Divina Força Criadora do Universo.
Aos meus Protetores Espirituais.
Aos que encontram na leitura e na imaginação um mundo.

Agradecimentos

À Divina Força Criadora do Universo e aos meus Protetores Espirituais que me ajudam no processo criativo do dia-a-dia.

Sumário

Prefácio 1
Capítulo 1 2
Capítulo 2 8
Capítulo 3 14
Capítulo 4 22
Capítulo 5 26
Capítulo 6 31
Capítulo 7 44
Capítulo 8 61
Capítulo 9 71
Capítulo 10 75
Capítulo 11 83
Capítulo 12 91
Capítulo 13 96
Capítulo 14 107
Capítulo 15 117
Capítulo 16 136
Capítulo 17 148
Capítulo 18 157
Capítulo 19 167
Capítulo 20 177

Prefácio

Os mistérios da vida aparecem a todas as horas e em muitos lugares do nosso mundo. Muitos fenômenos são explicados pela ciência, enquanto outros se tornam esquecidos desta por não terem respostas plausíveis, mantendo-se apenas na imaginação e na lembrança das pessoas.

Fenômenos estranhos e inexplicados envolvendo situações complexas, visões de mortos, seres sobrenaturais e outras tantas formas, fazem parte do cotidiano das pessoas. E é buscando na imaginação que este livro descreve uma situação de vida de uma família que, com um grande sonho de mudar a história de uma região no alto sertão paraibano, vive problemas sérios com a invasão de seres de outro mundo, que precisam de ajuda para salvar suas almas de um momento vivido no passado. No livro, a concepção da reencarnação é vivida por duas crianças que têm de salvar as almas de seus antigos parentes e amigos que foram presas por monstruosos seres do passado que naquela região destruíram tudo através de rituais malignos.

É por meio desta história, que neste livro é descrito como o amor ao próximo e os ideais de bondade e crescimento devem ser aplicados no cotidiano para ajudar a encontrar um mundo de paz e evolução destruindo o mal existente na humanidade, e como os objetivos de vida sempre encontram fortes empecilhos para que as conquistas de cada um tenham valor.

Eduard Montgomery Meira Costa

Capítulo 1

– Querida, neste espaço desolado e rodeado de plantas secas, construirei um verdadeiro império! – comentou João, enquanto descarregava algumas malas do caminhão, ajudando os carregadores que fizeram a mudança.

– Meu amor, acredito que você tem capacidade para isto. Enfim, o acúmulo de conhecimentos nas áreas de engenharia e o dinheiro que juntamos ao longo de todos estes anos, permitirá que realizemos nossos sonhos. – comentou Carla calmamente, enquanto seus olhos brilhavam ao ver as paisagens secas.

O sol estava alto. Eram oito horas e vinte minutos da manhã, e a temperatura já era abrasiva. As crianças: Júnior, Ana e Clara, corriam naquela fazenda desolada ao redor do imenso casarão outrora construído.

Este casarão fora construído há, aproximadamente, cem anos. Uns vinte anos antes da era do cangaço. Alto sertão na divisa dos estados Paraíba, Pernambuco e Ceará. Sabia-se pouco da história daquela fazenda. Entretanto, fora vendida pelo último herdeiro vivo por um valor irrisório. Este herdeiro alegava estar velho, sem dinheiro e sem família. E como não tinha mais perspectivas na vida, precisava de algum dinheiro para viver seus últimos dias.

– Querida, veja as crianças e chame sua atenção, pois elas estão correndo por aí, e como ainda não conhecemos bem a região, elas podem se ferir em uma queda, ou mesmo encontrar cobras peçonhentas, que é o normal daqui.

– Pelo amor de Deus! É mesmo! Vou correndo procurá-los. – Disse Carla saindo apressada e gritando pelos nomes de seus filhos.

A temperatura estava causticante, e todos se encontravam a descer as caixas e objetos do caminhão e levando para o casarão, esperando o belo pagamento prometido pelo senhor João. Para tanto, todos deveriam ajudar a arrumar a casa.

Faltavam dez minutos para as dez horas, quando apontou no portão de entrada da fazenda um outro caminhão que trazia alguns trabalhadores que iriam ajudar na limpeza, jardins, e na estruturação das plantações e irrigação da grande fazenda de João.

O caminhão se aproximou e parou. A porta se abriu e desceu o Cláudio que vinha guiando o mesmo. Ao mesmo tempo que se dirigia ao encontro de João levantando a mão, os demais trabalhadores desciam do caminhão baixando suas malas e materiais de trabalho.

– Meu caro amigo João! – Falou Cláudio em voz alta – Chegamos à sua terra finalmente! Vamos ajudar a organizar estas coisas todas e ver este mundaréu seco virar uma floresta! – comentou sorrindo.

João que era calmo, abriu um sorriso e deu um abraço no amigo comentando:

– É Cláudio. De acordo com o que estudei sobre os lençóis de água daqui, o sol quente para utilizar como energia e dessalinizar a água, as formas de irrigação possíveis, incluindo gotejamento, e tantas outras idéias interessantes que irão revolucionar a história da desertificação do sertão.

– E eu estarei aqui todo o tempo necessário a lhe ajudar! Inclusive para ter o prazer de ver esta miséria que é a seca acabar, ajudando muita gente que mora pelas redondezas! – Comentou Cláudio eufórico.

– Com certeza... gente muito sofrida que a indústria da seca utiliza para ganhar votos e depois, esquecer este povo. Chegou a nossa hora!

Nesse ínterim, João ouviu Carla gritando ao longe:

– Júnior! Venha cá! Chame suas irmãs!

– Crianças teimosas – comentou João. – Amigo Cláudio, vamos à luta. Vamos organizar estas coisas todas, pois precisamos descansar para iniciar o trabalho esta semana. Há muita história a ser mudada neste sertão!

– Com certeza! Avante homens! Vamos tornar esta região habitável e produtiva para suas futuras gerações povoar este mundo que é todo nosso!

– ÊÊÊ! Vamos adiante! – gritavam vários deles mostrando firmeza na voz, coragem e vontade de mudar aquela realidade do sertão.

Enquanto isso, Carla andava apressada para localizar seus filhos que já tinham adentrado nos espaços daquela imensa terra seca, cheia de cactos e várias plantas secas. Ela já se encontrava com a respiração ofegante e gritava:

– Júnior! Cadê você? Clara! Ana! Voltem! Aqui é perigoso! Tem cobras e outros bichos perigosos! Venham cá! Seu pai está lhes chamando!

Mas o silêncio era grande. Apenas o som leve de brisas que vez por outra cortava por dentro das ramas secas, gerando um certo incômodo aos ouvidos de Carla.

Carla continuou adentrando o ambiente quando viu a uns cem metros de distância uma clareira com o chão todo rachado, como se ali tivesse sido um grande açude no passado. E que agora era um grande buraco. Uma grande cratera seca. E lá no meio, próximos a algumas pedras, estavam as crianças.

Já sem fôlego por causa da temperatura, que já chegava a mais de trinta graus centígrados na sombra àquela hora, o ar seco, poeira e pela caminhada desesperada, ainda conseguiu gritar:

– Crianças! Venham aqui! O que vocês estão fazendo aí? Aqui é perigoso!

Júnior e Ana, estavam ao lado de Clara, que apontava fixamente para algo no chão. Carla não percebeu que Júnior passava a mão em frente ao rosto de Clara que estava estática, como se tentando acordá-la de um transe. Carla gritou mais uma vez e correu ao encontro deles. Quando ia se aproximando, Júnior virou-se com os olhos arregalados e Ana gritou:

– Mamãe! Ajude a gente!

Ao ouvir aquilo, Carla se desesperou e alargou os passos para abraçá-los:

– O que houve minha filha?

Ana se abraçou com ela fortemente, com lágrimas descendo pelo rosto úmido de uma mistura de lágrimas e suor.

Júnior estava meio paralisado, ainda do lado de Clara, quando de repente, ela amoleceu o corpo, deixando seu braço que estava rígido apontando para frente descer rapidamente, e logo após, todo seu corpo. De imediato, Júnior agarrou-a nos braços e Carla separou-se bruscamente de Ana para segurar a queda dos outros dois filhos.

– O que está havendo? O que vocês viram? O que estão fazendo aqui? Vocês querem me matar? – seus nervos estavam à flor da pele.

As crianças nada falavam, apenas choravam e tremiam compulsivamente. Carla começou a gritar fortemente:

– João! Corra aqui! Ajude-nos!

E saiu com Clara nos seus braços, desmaiada, e seus dois outros filhos caminhando ainda em estado de choque, chorando e soluçando.

Continuou a gritar, mas já sem fôlego, continuou a andar, com os passos ficando mais lentos devido às crianças que já não

conseguiam a acompanhar, e pelo cansaço tomando conta de seu corpo já sentindo a falta de água.

João, naquele momento, carregava uma caixa para dentro de casa, juntamente com Onofre, que era um homem forte, sertanejo acostumado com o calor dali. De repente, Onofre fala:

– Doutor, acho que dona Carla está lhe chamando! Tenho certeza que ouvi algo como um grito distante!

– Não ouvi nada além da algazarra do pessoal. Tem certeza que ouviu algo?

– Olha aí! De novo eu ouvi! É melhor irmos ver o que está acontecendo, pois ela saiu atrás das crianças e pode ter acontecido algo, que Deus nos livre!

Neste momento que Onofre falou, foi que João se lembrou que Carla tinha saído à procura das crianças. Colocou o lado da caixa no chão e disse:

– Vamos Onofre! Você deve estar certo! Inclusive, porque você é acostumado a ouvir e reconhecer os sons deste mundo sertanejo.

Onofre colocou o outro lado da caixa no chão, e saíram dos dois correndo para o fundo da casa adentrando os xiquexiques e vegetações secas à procura de Carla e dos filhos.

– Carla! Cadê você? Encontrou as crianças? Que está havendo? – gritava João já ficando nervoso.

– Dona Carla! Clarinha! Juninho! Aninha! Cadê vocês?

Carla já sem forças, ainda gritou:

– João! Ajude-nos! Aqui!

Onofre, velho sertanejo acostumado a caçar todo tipo de animal no sertão, reconheceu de onde o som provinha e disse:

– Por aqui, doutor! – e saiu em disparada por dentro dos galhos secos. João ia no seu encalço. Seu coração já estava disparado, quando Onofre falou:

– Ali doutor! Lá estão eles!

Carla já estava quase caindo e as crianças agarradas em seus braços. Neste momento, João de três passos largos, chegou próximo e segurou Clara para não cair dos braços de Carla que já não agüentava se segurar.

– O que houve? – perguntou em desespero.

Ninguém conseguia falar pelo susto e cansaço.

Onofre gritou com toda força de seus pulmões:

– Seu Cláudio! Ajuda! Traga água! Rápido! Ajuda!

Seu grito foi tão forte que vários dentre todos que descarregavam as mudanças, deixaram imediatamente o que faziam e saíram correndo ao encontro deles.

Capítulo 2

Aquele monte de gente correndo na direção que veio o grito de Onofre parecia uma manada de elefantes derrubando tudo que era planta seca naquele sertão.

– Ajude-nos! – falou João com olhos arregalados de preocupação.

Os fortes homens ali pegaram as crianças nos braços e saíram levando-os para casa, enquanto João os acompanhava com Carla nos braços.

Cláudio que ia com Júnior nos braços gritou:

– Levem os colchões para dentro de casa! Urgente!

E várias pessoas saíram correndo na frente em disparada para retirar os colchões do caminhão e colocar dentro da casa. Naquela loucura desesperada, ninguém nem sentia dor de qualquer arranhão causado pelos galhos secos ou pelos espinhos das plantas. Só corriam em desespero derrubando tudo que vinha pela frente.

João já estava sem forças e fôlego, mas resistia com Carla em seus braços.

– José! – gritou Cláudio – pegue água para molhar o rosto de todos e para beber! Rápido!

José que estava atônito sem saber o que fazer, saiu correndo na direção do caminhão onde se encontravam alguns garrafões de vinte litros de água mineral. Arrancou de cima do caminhão um garrafão como se fosse uma pena, e saiu correndo na direção da porta

da casa, onde já se encontravam várias pessoas com os colchões para colocar Carla e as crianças.

José baixou o garrafão de água, e como que possuído, arrancou com as unhas a tampa plástica do mesmo. De imediato, João arrancou sua camisa do corpo, jogando-a para José, pedindo-lhe que a molhasse para passar no rosto de Carla e das crianças. Neste momento, a mulher de Onofre, Josefa, saiu de dentro de casa, portando algumas toalhas, e correu na direção de José:

– Derrame a água aqui! Rápido!

José sem cerimônia nenhuma, pegou o garrafão e derramou água nas toalhas até ensopá-las.

Josefa correu na direção de Clara, e entregou as outras toalhas a Onofre e Cláudio:

– Passe no rosto das crianças para elas se recuperarem! Urgente! – enquanto já molhava o rosto de Clara, com sua cabeça apoiada em seu braço. A menina estava desmaiada.

Carla retornava a cor aos poucos, quando João falou:

– Querida! O que houve? Acorde!

Carla de súbito, abraçou-lhe fortemente chorando:

– Não sei! Cadê minha filha?

– Calma! Relaxe um pouco, que vou ver as crianças. – falou João.

Deitou Carla no colchão e correu para ver as crianças. Júnior já estava de pé, mas meio atordoado. Ana chorava ainda tensa.

– Calma crianças! Cadê Clarinha?

– Está aqui doutor! – falou Josefa e Cláudio ao mesmo tempo. – ela está meio estranha ainda!

Ao ouvir isto, João deu um salto em sua direção, quando viu Clara com lágrimas nos olhos que se confundiam com a água derramada em seu rosto.

– Mas pelo menos ela já está acordada. Só não está ainda normal. É como se estivesse noutro mundo! – comentou Cláudio.

– Minha filha! O que houve?

Clara ainda desorientada olhou com os olhos cansados para o pai, e levantou fracamente os braços, como quem pede um abraço.

João de imediato a levantou nos braços e a abraçou fortemente.

– Graças a Deus! Está tudo bem?

Clara nada falava. Ainda estava atordoada com o que vira.

– Amigos! – falou João – voltem ao trabalho, pois precisamos estar com tudo arrumado o mais breve possível! Joana! Josefa! Maria! Preparem a comida para fazer um reforço a todos. Eles já estão melhores!

O pessoal dispersou, voltando aos caminhões para descer o resto dos móveis e bagagens para arrumar as casas.

– Já ouvi falar que esta região do sertão é mal assombrada, que quem passa aqui a noite, ouve gritos e vê coisas estranhas. – falou José para Onofre.

– Crê em Deus, homem! Onde já se viu...

– Mas seu Onofre! É verdade! Dizem que nessa região tinha um riacho que os cangaceiros matavam as pessoas e jogavam nele!

– Onde já se viu! Os cangaceiros iam poluir as águas que eles podiam usar?

– Não seu Onofre... eles bebiam água das cacimbas. O riacho era muito difícil de ter água. Mas segundo a história que se falava... meus avós... os mais velhos... os donos das fazendas armaram uma emboscada para os cangaceiros quando eles estavam no riacho, em uma das vezes que teve água. Mataram alguns de seus homens e os que fugiram resolveram se vingar. Atacaram numa noite de lua nova e a matança foi feia! Fizeram desgraças de todos os tipos e jogaram os corpos dentro do riacho dizendo que já que eles queriam tanto, que ficassem com aquela água para sempre! Isso é o que contavam os antigos!

– Que nada rapaz! Isso é lenda! As crianças devem ter tido insolação, pois não estão acostumadas com esse calorão de quarenta graus na sombra. Essa terra toda só vai prestar quando a gente transformar tudo isso aqui em vida verde com a ajuda dos conhecimentos de doutor João.

– Sei não... também se falava que os donos das terras enterraram as riquezas deles por aqui em algum lugar, e que os cangaceiros nunca descobriram onde foi. E com a morte de todos, virou botija. Sabe o que é botija? É pote cheio de ouro enterrado, seu Onofre! Que o povo de antigamente enterrava para os cangaceiros não roubarem. E aí, quando morriam, as almas ficam penando para entregar a alguém de merecimento!

– Homem! Deixa de história!

– Mas eu estou falando o que conheço da história, seu Onofre. Sei lá! De repente as histórias são de verdade...

– É melhor não está distribuindo estas histórias por aí, para não intimidar o pessoal. Vai que tem gente que tem medo de assombração e começa a imaginar... e sabe como é imaginação, né? Faz com que a pessoa veja cabelo em barriga de sapo!

– Sei como é, seu Onofre. Mas são as histórias que são comuns entre as pessoas daqui da região. Também diziam que outro problema que houve aqui, foi que os fazendeiros descobriram, antes do ocorrido com os cangaceiros, um cemitério antigo de índios. E tinha muito ouro e pedras preciosas. E eles profanaram o cemitério e arrancaram tudo que era jóia dos túmulos. E segundo o povo velho fala, aquilo trouxe um bocado de mazela para eles, que viviam vendo fantasmas que cobravam deles as coisas roubadas de volta... e assim a terra ficou amaldiçoada com todo tipo de coisa estranha acontecendo...

– Agora foi que deu a gota serena! Homem, como já te falei, crê em Deus e reza! Tu vai terminar vendo coisas por aí e gerando pânico nos outros. Tome cuidado para não falar demais. Que esse assunto morra aqui! Se for o caso, vamos pedir a doutor João para

trazer um padre para benzer a fazenda, pois nossa perspectiva é de fazer o bem a muita gente. E dessa forma, Deus nos ajudará, pois queremos ajudar a acabar com a miséria desta região!

– Sei... eu entendo! É bom mesmo um padre para benzer tudo aqui!

– E... sem falar que... desde quando assombração aparece de dia? Heim, homem de Deus? Bota tua cabeça para pensar!

– Deixa para lá! Acho que apenas é bom estar com um pé atrás com o que não se conhece...

Passadas algumas horas, boa parte das casas já estavam organizadas e uma grande mesa era posta. Carla, Júnior e Ana já haviam se recuperado, embora Júnior e Ana ainda estivessem confusos. Clara ainda estava meio em estado de choque e não falava nada ainda.

Carla pegou Clara em seus braços e falou:

– Filha? O que houve?

Clara começou a chorar imediatamente, quando João cochichou no ouvido de Carla:

– Não a questione. Tente desviar sua atenção e seu pensamento para alguma brincadeira para ela relaxar e se desestressar. Ela ainda está em choque.

Carla balançou a cabeça afirmativamente:

– Filha, vamos brincar com mamãe? Vou te ensinar como faz boizinho com as pedrinhas! Olha! Venham crianças! Vamos brincar!

– Júnior! – falou João – pode vir aqui meu filho?

– Que foi papai?

João colocou a mão sobre o ombro de Júnior e começou a andar lentamente para se afastar de Carla, Ana e Clara.

– O que foi que vocês viram lá embaixo? Naquele amontoado de pedras e plantas secas dentro daquele buraco... daquela cratera imensa?